

A atualidade de nossa Igreja

Salmo 15

Dt 4.1-9

Ef 6. 10-20

Mc 7. 1-8, 14-15, 21-23

É significativo que estejamos bem próximos ao dia 28 de agosto, quando a Igreja Cristã lembra Santo Agostinho, bispo de Hipona, “Doutor da Graça”, o maior teólogo da Igreja Cristã depois de São Paulo, afirmou Jaci Maraschin, em nossas aulas de HPC do Seminário Teológico.

A leitura do Deuteronômio nos fala da importância e necessidade de passarmos adiante o que nossos olhos viram, a fim de que não se aparte nosso coração nem o de nossos filhos dos estatutos do Senhor Deus (Dt 4. 7-9). A Carta aos Efésios nos convoca a sermos embaixadores do evangelho, falando ousadamente como importa que cada um de nós fale... (Ef 4.20).

E o Evangelho de Mc, cap. 7 é bastante forte quando Jesus chama seus detratores de hipócritas, falsos, afirmando ainda que o que sai de dentro de nós, de nosso coração, é que nos torna impuros.

Considerando o que temos partilhado o que temos visto e ouvido da Palavra de Deus em nossas vidas; que temos buscado ser embaixadores do evangelho, falando ousadamente; e que não temos sido hipócritas, mas verdadeiros discípulos do Senhor Jesus naquilo que pensamos, falamos e agimos; o que está acontecendo no momento atual de nossas igrejas?

Seria bem fácil listar uma série de lamentações a respeito de coisas que não vão bem na nossa Igreja, neste nosso tempo, mas isso significaria adotar uma visão meramente pessimista se não olharmos com os olhos da fé, que são os olhos do amor, como diria Santo Agostinho.

Certamente, é consenso nosso que não devemos fechar os olhos aos problemas. Devemos, contudo, e antes de tudo, tentar entender o contexto em que se apresentam.

Para existir um frutífero diálogo entre nossos conterrâneos e o evangelho, precisamos indubitavelmente renovar a nossa pedagogia à luz do exemplo de Jesus (Jo 20.21). É importante que observemos com atenção e detalhes o nosso mundo atual, o assim chamado mundo pós-moderno, pós-metafísico.

Como escreveu o arcebispo italiano Martini, pouco tempo atrás, “uma mentalidade pós-moderna pode ser definida em termos de oposições: uma atmosfera e um movimento de pensamento que se opõem ao mundo assim como o conhecemos até agora. É uma mentalidade que se separa espontaneamente, do aristotelismo, da tradição agostiniana, das autoridades eclesiais e de muitas outras coisas. O pensar pós-moderno está longe do precedente mundo cristão platônico, onde se dava como certa a supremacia da verdade e dos valores sobre os sentimentos, da inteligência sobre a vontade, do espírito sobre a carne, da unidade sobre o pluralismo, do ascetismo sobre a vitalidade, da eternidade sobre a temporalidade. No nosso mundo de hoje há instintiva preferência pelos sentimentos sobre a vontade, pelas impressões sobre a inteligência, por uma lógica arbitrária e pela busca do prazer sobre uma moralidade ascética e coercitiva. Este é um mundo no qual são prioritários a sensibilidade, a emoção e o curto espaço de tempo presente...”

Relembremos agora o que temos lido em jornais e revistas, visto em noticiários da TV e em filmes e novelas que nos rodeiam como tendões: a existência humana se torna cada vez mais um lugar de liberdade sem freios, onde a pessoa exercita, ou acredita poder exercer, o seu individualismo egoísta, o seu plano de vida egocêntrico. A expressão paulina e agostiniana de “ama e faze o que quiseres” é trocada acintosamente por “faz o que quiseres e chama isso amor”...

É também um tempo de reação contra uma mentalidade excessivamente racional. Se aceita que todas as civilizações são iguais, enquanto antes se insistia na assim chamada tradição ocidental. Este tempo é ainda uma reação contra uma mentalidade excessivamente clássica. Anti cartesiana (“Penso, logo existo”). Hoje tudo é posto no mesmo plano, porque já não existem critérios para verificar que coisa é uma civilização verdadeira e autêntica.

Neste contexto, o cristianismo não é acolhido facilmente quando se apresenta como a “verdadeira” religião.

“Nesse clima, a tecnologia não é mais considerada um instrumento a serviço da humanidade, mas um ambiente no qual se estabelecem às novas regras para interpretar o mundo: já não existe a essência das coisas, mas somente o uso delas para certo fim, determinado pela vontade e pelo desejo de cada um. Nesse clima, é conseqüente a rejeição do pecado e da redenção. Diz-se: “Todos são iguais, mas cada pessoa é única”. Existe o direito absoluto de ser único e de afirmar a si mesmo. Toda e qualquer moral é obsoleta. Já não existe o pecado, nem o perdão, nem a redenção e, muito menos, o “renunciar a si mesmo”. A vida não pode ser vivida como sacrifício ou um sofrimento.

Aqui estamos focando o problema sem emitir juízos de valor. Não haveria tempo, não é o local adequado, e certamente me faltaria sabedoria para tal. O fato é que muito mais que uma afirmação precisa e categórica baseada na experiência é substituída simplesmente por uma tendência ou uma moda.

É verdade que observamos isso especialmente e geralmente no pessoal mais jovem do que nós, mas isso vai se generalizando e deve ser levado em conta pela Igreja. E como anglicanos nos damos muito bem nesta situação. Santo Agostinho já dizia que somos convidados a “pensar em tudo o que cremos, por que a fé, se não se pensa no que crer, é nula”. E acrescenta ainda: - “Cremos para compreender, e compreendemos para crer melhor”.

Então, caros irmãos, essa situação é uma oportunidade para nós. Temos a possibilidade de mostrar melhor nosso caráter e desafios, com objetividade e realismo, no exercício da verdadeira liberdade, onde a fé cristã se expressa muito ligada à vida do corpo, e não somente da mente.

Deus nos surpreende, como dizia já o Profeta Jeremias, e a fé compreendida como um risco torna-se mais atraente. O cristianismo mais próximo das pessoas, mais verdadeiro. “ O mistério da Trindade aparece como fonte de significado para a vida e uma ajuda para compreender o mistério da existência humana”.

De novo Santo Agostinho nos ajuda ao dizer: - “Não se chega À verdade senão através do amor”. “Ser fiel nas pequenas coisas é uma grande coisa”.

Então vamos nos considerar todos convidados a pequenas mudanças, a pequenas coisas como estas quatro:

1ª) **Vigilância:** Não ser surpreendidos pela adversidade. Não ter medo do que é diferente ou novo, mas considerá-lo como um dom de Deus. Provar que somos

capazes de ouvir coisas muito diferentes daquelas que normalmente pensamos mas sem julgar imediatamente quem fala. Buscar compreender o que nos é dito e os argumentos fundamentais apresentados. Como diz São Paulo: “Examina tudo com discernimento; conserva o que é verdadeiro; evita toda a espécie de mal” (1 Ts 5,21-22).

2ª) **Coragem:** Ser capazes de correr riscos. “O risco é o sinal da esperança” (como dizia o Rev. Dirson Vergara dos Santos). A fé é o grande risco da vida. “Quem quiser salvar sua vida a perderá; mas quem perde a sua vida por minha causa a encontrará” (Mateus 16,25).

3ª) **Nutrição:** Alimentar-nos com o evangelho (leitura e escuta da Palavra de Deus), como Jesus nos diz no seu discurso sobre o pão da vida: “Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (João 6,33). Não o pão da murmuração, da reclamação. Valorizar o silêncio (autocontrole). “O barulho não faz bem. O bem não faz barulho!” Devemos nos afastar da insana escravidão do barulho e das conversas sem fim, e encontrar, cada dia, pelo menos meia hora de silêncio, para pensar em nós mesmos, para refletir e rezar. Isso pode parecer difícil. Como se aprende? Da mesma forma como se aprende a namorar (Namorando!).

4ª) **Humildade:** Não acreditemos que cabe a nós resolver os grandes problemas do nosso tempo. Deixemos espaço ao Espírito Santo, que trabalha melhor do que nós e mais profundamente. Vamos escutá-lo, perscrutá-lo. Não sufoquemos o Espírito nos outros. É o Espírito que sopra. “Nas coisas necessárias, unidade; nas duvidosas, a liberdade; e em tudo, caridade” (Agostinho).

“DEUS QUE TE CRIOU SEM TI NÃO TE SALVARÁ SEM TI” (Agostinho).

30 de agosto de 2009. +Jubal Neves, bispo anglicano de Santa Maria

Frases de Agostinho de Hipona:

- Deus que te criou sem ti não te salvará sem ti.
 - Pensa em tudo o que crê. Por que a fé, se não pensa no que crê, é nula.
 - Creio para compreender, e compreendo para crer melhor.
 - Nas coisas necessárias a unidade; nas duvidosas, a liberdade; e em tudo, caridade.
 - Não se chega à verdade senão através do amor.
 - O mal não existe de per si. É a ausência do bem.
 - Meu coração só repousará quando descansar em ti, Senhor.
 - Ser fiel nas pequenas coisas é uma grande coisa.
 - Bispo que colocar o seu coração na posição de eminência ao invés de oportunidade para o serviço deve compreender que não é de fato um bispo. (Santo Agostinho, Cidade de Deus, 19.19)
-